

Casa Fernando Pessoa

A 30 de novembro de 1935, sem que ninguém esperasse, com apenas 47 anos, Fernando Pessoa morre, deixando uma arca cheia de textos inéditos e uma mão cheia de listas de projetos. Passaram desde então 90 anos, ao longo dos quais Fernando Pessoa se tem feito ouvir através de leitores, editores, investigadores, escritores, tradutores, professores e artistas de outras artes.

Em 2025, a Casa Fernando Pessoa inaugura a exposição *A arca eterna: Fernando Pessoa e a posteridade* com a intenção de relançar, nesta data redonda, algumas perguntas relevantes: como sobreviveu Pessoa ao fim da sua vida? O que se descobriu, só depois de 1935, sobre este homem e sobre o que escreveu? O que sabemos nós, que viemos depois de Pessoa, que os seus contemporâneos não poderiam sequer imaginar? Intuiria ele que, passados 90 anos, aqui estaríamos a falar de si? Qual é o segredo da sua vitalidade?

Nove décadas pode parecer muito tempo – quase um século! – sobretudo para quem estuda Fernando Pessoa na escola. Porém, a novidade de Pessoa continua a surpreender, os seus textos dão-se aos leitores com um apelo atual, e novas leituras e controvérsias não deixam os seus escritos amarelecer num tempo passado e longínquo. Pessoa é de hoje.

Nesta exposição, como já vem sendo hábito, chamamos os visitantes a relacionarem-se diretamente com as peças expostas: os cartazes são para levar para casa, para reler mais tarde, colar na parede ou oferecer a alguém. Os livros são para manusear. Os filmes são para viajar no tempo. Quem visita a exposição deixa a sua marca: as pilhas de documentos reproduzidos não de perder altura, como efeito da passagem do tempo. Mas não se trata de apagamento – trata-se, sim, de passagem para outras mãos, olhos e lugares que darão a esta exposição novos sentidos e novas vidas.

Clara Riso
DIRETORA · CASA FERNANDO PESSOA

casafernandopessoa.pt



Casa
Fernando
Pessoa

MUSEU DE LITERATURA

**27 NOV'25
a 6 DEZ'26**

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

A arca eterna Fernando Pessoa e a Posteridade

**CURADORIA E PRODUÇÃO
DE CONTEÚDOS**
Antonio Sáez Delgado

CONCEITO E INSTALAÇÃO
Ilhas Studio

**PRODUÇÃO E REVISÃO
DE CONTEÚDOS**
Casa Fernando Pessoa

VÍDEOS
Arquivo RTP

PROJEÇÃO
Semente

**CONSTRUÇÃO
E MONTAGEM**
André Tasso
Vidal Tecidos

VINILAGEM
Bact3ria

IMPRESSÃO
Tipografia Lobão

AGRADECIMENTOS
Pedro Sepúlveda
Enrico Martines
Antonia Maria Mora-Luna
Andressa Jove Godoy

Com o apoio de:



Curador: **Antonio Sáez Delgado**

Assinalando os noventa anos da morte de Fernando Pessoa, esta exposição propõe uma viagem pela forma singular como o escritor se projeta para além da sua própria existência. Mais do que uma homenagem, é uma reflexão sobre o modo como a sua obra — dispersa, enigmática e quase infinita — se tornou um dispositivo póstumo, um mecanismo literário que continua a gerar textos, interpretações e leitores muito depois do desaparecimento do seu autor.

Desde 1935, o nome de Fernando Pessoa deixou de pertencer apenas ao homem que o assinava. Tornou-se uma presença viva, editorial e pública, que se alimenta da célebre arca onde ficaram guardados vários milhares de textos inéditos. Essa arca, símbolo material de um arquivo sem fim, é também uma metáfora do modo como o autor concebeu a própria literatura: uma rede de vozes, máscaras e versões que não cessa de se multiplicar.

A exposição apresenta três núcleos que testemunham as várias vidas de Pessoa depois de Pessoa:

- Uma vida que não acaba em 1935 reúne biografias e estudos sobre a figura do escritor, mostrando como a curiosidade e o fascínio pela sua pessoa continuam a inspirar novas leituras e mitologias.
- Uma obra em busca de um cânone revela o longo e complexo processo de edição dos seus escritos — de fragmentos dispersos a volumes organizados —, e o papel essencial dos críticos e editores que, ao tentar fixar uma obra, participam na sua incessante transformação.
- Um autor plural como o universo expõe as múltiplas traduções e receções internacionais de Pessoa, demonstrando como a sua escrita, nascida em Lisboa, se tornou verdadeiramente planetária.

No centro da exposição ergue-se uma instalação monumental e participativa, composta por milhares de reproduções de documentos pessoais — alguns oriundos da própria arca — que o visitante pode tocar, escolher e levar consigo. Esta peça, feita de blocos sobrepostos de papel, funciona como uma metáfora física da arca pessoana: um corpo textual em permanente mutação.

À medida que cada visitante retira um fragmento e o transporta para outro lugar, a instalação altera-se, desfazendo-se e refazendo-se, como o próprio arquivo de Pessoa, que nunca se fecha. O gesto de levar um papel é também um gesto de leitura e de continuidade: uma forma de participar no dispositivo póstumo que o autor deixou em funcionamento, consciente ou não, quando acumulou os milhares de textos que o tempo ainda hoje decifra.

No fim, a exposição sugere que Fernando Pessoa não apenas escreveu uma obra — construiu uma máquina de posteridade. A sua arca é um organismo literário que atravessa o século XX e chega até nós vivo, aberto e em expansão. Cada leitor, cada editor, cada visitante torna-se parte desta obra interminável: uma arca eterna, onde a literatura continua a reinventar o seu próprio futuro.

***I know not what
tomorrow will bring***

Fernando Pessoa

Talvez um dos grandes medos dos mortos seja o de não existirem no futuro. Na memória da posteridade. Como é que se consegue um lugar na História? E como é que a História decide quem é que fica dentro e quem fica fora?

Embora a História que Pessoa inventou para a sua posteridade seja altamente difundida, a verdade é que, ainda hoje, poemas, listas, textos e notas continuam a ser descobertos e decifrados. Pessoa sabia que o mistério é o que alimenta, em tanto, o desejo. Sabia Pessoa que não se pode dar tudo de uma vez ao futuro para que o futuro continue no futuro.

O seu desejo de eternidade vivia em todos os pensamentos. Por isso, a sua arca é um contentor de eternidade. Qual Arca da Aliança, na sua arca, Pessoa deixou os mandamentos para a sua posteridade.

Cada nota deixada por Pessoa, num diálogo consciente com o futuro, é prova da forma como o poeta se transcende no tempo e no espaço. A obra de Pessoa chegou a locais distantes da sua arca: é estudado mundialmente e o seu nome é sinónimo de ousadia, brilhantismo, audácia e enorme capacidade de invenção e reinvenção.

Estes detalhes e histórias foram fundamentais para alimentar uma ideia daquilo que seria, visualmente e espacialmente a exposição *A arca eterna: Fernando Pessoa e a posteridade*.

É composta por um bloco central onde estão empilhados – como se estivéssemos numa tipografia – cartazes com reproduções das notas, textos e listas que Pessoa deixou na sua arca. Ao visitante é sugerido que faça a sua edição de recortes, podendo recolher as várias páginas distintas e levá-las consigo.

O nome Pessoa está consagrado à memória e à posteridade. No mundo, nas estantes de livros, mas também nas paredes das casas. Com a sua ousadia, Fernando Pessoa dá-nos a esperança de que, quem sabe, a morte não nos apague realmente.